

# A CASA DAS ALAGOAS E AS “COUSAS DO PASSADO”

# THE “HOUSE OF ALAGOAS” AND THINGS OF THE PAST

Magno Francisco de Jesus Santos\*

## RESUMO

O presente artigo tem como foco a produção intelectual da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, criada nos idos de 1872. O propósito desse estudo é problematizar os diferentes projetos políticos de construção de identidade a partir da análise das temáticas discutidas no principal periódico sobre o passado alagoano, ou seja, pautado nas discussões acerca da cultura política tentarei discutir como os intelectuais vinculados à “Casa das Alagoas” fizeram as leituras do passado alagoano e como difundiram os seus projetos de futuro.

**Palavras-chave:** Escrita da história, intelectuais, revista, Instituto Histórico, Alagoas.

## ABSTRACT

This article focuses on the intellectual production of the Journal of the Historical and Geographical Institute of Alagoas, created back in 1872. The purpose of this study is to discuss the different political projects of identity construction from the analysis of the main themes discussed in the journal about the past Alagoas, ie, based on the discussions about the political culture will try to discuss how intellectuals linked to the “Casa das Alagoas” did the readings of the past and how alagoano broadcast their future projects.

**Keywords:** Writing History, intellectuals, magazine, Historical Institute, Alagoas.

\* Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, sob a orientação de Martha Campos Abreu. Bolsista Capes. Email: magnohistoria@gmail.com

No dia dois de dezembro de 1869 foi criado o Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas, sob a batuta do então presidente da província alagoana, José Bento da Cunha de Figueiredo Júnior.<sup>1</sup> O propósito da novel instituição seria a de “congregar a intelectualidade nascente para pensar o futuro de Alagoas através do conhecimento de seu passado, resgatando tradições e fomentando pesquisas históricas, geográficas e antropológicas”.<sup>2</sup> Nesse sentido, a principal instituição de pesquisa alagoana do século XIX surgiu a partir da ação do poder público, fazendo com que a “Casa das Alagoas”<sup>3</sup> se tornasse o espaço privilegiado do pensamento acerca da construção da identidade alagoana, conhecendo e venerando o passado, como também projetando o futuro.<sup>4</sup> Essa preocupação foi registrada no editorial do primeiro número da Revista, publicado em 1872:

Principia hoje o Instituto a exhibir os documentos que firmaram sua utilidade e lhe dão justa benevolência ao público. Atenta a necessidade de chamar-lhes a vida, as cousas do passado entre-gues ora as dúvidas da indiferença.<sup>5</sup>

De acordo com a sentença acima, a instituição deveria ser o foco irradiador da produção do conhecimento sobre a sociedade local, assim como também deveria destacar os aspectos da nacionalidade, dos heróis do Império.

<sup>1</sup> ALTAVILA, Jayme Lustosa de (Org.). *Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas: dados históricos*. Maceió: IHGAL, 2008

<sup>2</sup> TENÓRIO, Douglas Apratto. A Casa das Alagoas. In: TENÓRIO, Douglas Apratto; DANTAS, Cármem Lúcia. *A Casa das Alagoas: o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*. Maceió: EDUFAL, 2007, p. 6

<sup>3</sup> Forma pela qual o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas é conhecido pelos seus sócios. Trata-se de prática recorrente codenominar os institutos históricos de “Casa”, acrescido do nome da localidade onde está situado. Cf. DANTAS, Ibarê. *História da Casa de Sergipe. 1912/2012*. São Cristóvão-SE: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2012, p. 17.

<sup>4</sup> TENÓRIO, Douglas Apratto. *A Casa das Alagoas*, p. 11.

<sup>5</sup> REVISTA DO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO DE ALAGOAS. Editorial. *Revista do Instituto Archeologico e Geógraphico de Alagoas*. Vol. 1, nº 1. Maceió, 1872, p. 1.

Isso implicaria na busca pelas “cousas do passado”, ou seja, na mobilização de intelectuais para inibir a indiferença reinante a respeito dos períodos pretéritos. É importante ressaltar que apesar de ser uma das menores províncias do Império do Brasil, Alagoas passou a ter o quarto instituto histórico do país, sendo antecedido apenas pela Corte e pelas províncias de São Pedro do Rio Grande do Sul e de Pernambuco.<sup>6</sup> No campo das instituições culturais, Alagoas estava entre as províncias de vanguarda no país.

Nesse sentido, a “Casa das Alagoas” surgiu como uma ação da política cultural provincial que visava contribuir para a construção de uma versão alternativa do passado regional, ou seja, um contraponto a escrita da história realizada pelo Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco,<sup>7</sup> fundado em 1862 com o intuito “de comprovar a relevância da história pernambucana nos destinos do país”.<sup>8</sup> Os inúmeros intelectuais que passaram pelo instituto alagoano se preocuparam na interpretação do passado, buscando vestígios que evidenciassem a peculiaridade, as diferenças em relação às províncias vizinhas. Havia a necessidade de se criar outra leitura acerca do passado histórico alagoano, destoante da interpretação construída pelos intelectuais pernambucanos. Para Anfilóbio Jayme de Altavila Mello existia a exigência de que:

A história de nossa província, mais do que a de outras, precisa ser projetada no cenário nacional, em compensação ao nosso pequeno território e ao desnível de nossas forças econômicas, em confronto com os Estados maiores e mais poderosos.<sup>9</sup>

<sup>6</sup> Em 1839 foi criado no Rio de Janeiro o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em 1860 foi criado o Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro (Rio Grande do Sul), o primeiro Sodalício provincial do Império. Dois anos depois, em 1862 foi criado o Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco. Sobre essas questões pode ser consultada: SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

<sup>7</sup> O território que hoje forma o Estado de Alagoas integrava a capitania de Pernambuco até o ano de 1817, ano em que Dom João VI decretou a emancipação política das Alagoas.

<sup>8</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças*, p. 118.

<sup>9</sup> ALTAVILA MELLO, Anfilóbio Jayme de. *História da Civilização das Alagoas*. 7ª Ed. Maceió: EDUFAL, 1978, p. 7.

Pautado nas palavras de Dirceu Lindoso, posso dizer que os sócios do Sodalício usaram do “ofício do arqueólogo para criar o que todo mundo via, mas não queria criar: a cultura alagoana”.<sup>10</sup> Todavia, essa política cultural nem sempre seguiu a mesma perspectiva e os consortes nem sempre compartilharam dos mesmos projetos de futuro. Em diferentes momentos, o Instituto das Alagoas foi repensado, redefinido, propiciando transformações substanciais na produção e difusão do conhecimento acerca do passado alagoano.

Por esse ângulo, a criação do então Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas<sup>11</sup> pode ser entendida sob a perspectiva da cultura política, criando “uma leitura comum e normativa do passado histórico com conotação positiva ou negativa”.<sup>12</sup> Nesse artigo tenho como foco a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas,<sup>13</sup> criada em 1872 e que ao longo dos últimos decênios do século XIX e todo o século XX tornou-se um dos principais instrumentos usados pela intelectualidade alagoana no processo de construção da identidade local pautada na leitura da trajetória “dos grandes homens da terra” e de interpretação da história local e revisão da trajetória nacional. Nas laudas do periódico,

---

<sup>10</sup> LINDOSO, Dirceu. *Interpretação da Província: estudo da cultura alagoana*. Maceió: EDUFAL, 2005, p. 12.

<sup>11</sup> A Casa das Alagoas entre 1869 e 2012 teve três denominações diferentes. Da criação até 1932 foi denominado de Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano. A partir dessa data passou a ser Instituto Histórico de Alagoas, até 1972, ano do centenário da instituição e quando passou a ser definitivamente denominado de Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Confirmam em: ROCHA, José Maria Tenório. Em torno de uma bibliografia analítica de Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. In: REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE ALAGOAS. *Bibliografia analítica (1872-2009)*. 2ª Ed. Maceió: Imprensa Oficial, 2010, p. 16. Essas mudanças de nomenclatura também ocorreram com a revista, todavia, nesse estudo, passarei a utilizar o termo usado no tempo presente, por se tratar do mesmo periódico.

<sup>12</sup> BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean François. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 351.

<sup>13</sup> O meu primeiro contato com a Historiografia Alagoana foi em decorrência da seleção de professor efetivo da Universidade Federal de Alagoas, Campus Sertão, para a disciplina História de Alagoas. Foi a partir de tais leituras que surgiram algumas inquietações a respeito da produção historiográfica alagoana, algumas das quais tento responder nesse artigo. Agradeço a Ibarê Dantas e Samuel Albuquerque pela leitura crítica e sugestões.

pensadores alagoanos se preocuparam em reafirmar a cultura política atinente a época, redefinindo a leitura do passado, criando novas interpretações acerca da experiência local, fortalecendo projetos de futuro. Nesse caso, a minha exposição tem como foco uma revista de 140 anos que passou por significativas transformações tanto no aspecto físico, como no seu conteúdo.<sup>14</sup>

Desse modo, analisei as temáticas que foram discutidas na Revista do IHGAL no período entre 1872 e 2012,<sup>15</sup> buscando destacar os principais intérpretes do passado alagoano e as temáticas que mais apareceram nas páginas do principal periódico de história do estado. Essa análise foi acompanhada de um contraponto com a produção da história alagoana publicada em outros suportes, especialmente livros, como forma de evidenciar até que ponto a escrita da história na Casa das Alagoas se aproximava ou se distanciava dos embates historiográficos *outsider* e acadêmicos. Esse confronto entre as obras produzidas em diferentes espaços da pesquisa histórica é importante, pois torna possível apreender as possíveis apropriações que intelectuais associados a instituições distintas realizam acerca do passado.

A trajetória da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas é marcada por uma série de transformações e interrupções na produção de novas edições, como decorrências dos inúmeros momentos de dificuldades pelos quais a Casa das Alagoas passou. Em diferentes números da Revista do Instituto os editores evidenciam, em tom de lástima, os embaraços que impediam a publicação ininterrupta do periódico.

---

<sup>14</sup> Na análise da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas não considerei os relatórios de atividades, nem os trabalhos de edição de fontes. Assim, detive-me apenas nos artigos, palestras, conferências, textos de homenagens, necrológios e discursos em suas diferentes perspectivas (posse, morte, datas cívicas, efemérides do Sodalício e inaugurações).

<sup>15</sup> Os exemplares analisados são os que constituem o acervo da Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Agradeço ao Diretor da Biblioteca e do Arquivo, João Paulo Gama, assim como a Maria Fernanda dos Santos e aos estagiários, Aline, Éder e Nayara pelo auxílio na pesquisa. O número 48 da Revista do IHGAL foi disponibilizado por Fabiana Mariano, que doou o exemplar. Da mesma forma, sou grato a Ane Luíse Silva Mecnas Santos pela sugestão e estímulo a produção desse texto.

Testemunho desses esclarecimentos é o editorial do primeiro número do terceiro volume, publicado em 1901, após uma interrupção de 13 anos.

Após um longo intervalo de mais de três lustres, reaparece a Revista do Instituto Archeológico e Geográfico Alagoano. (...) O motivo único a trazer como resultado a lamentável força de interrupção da Revista do Instituto Archeológico e Geográfico Alagoano foi a insuficiência dos recursos pecuniários disponíveis: de todo o esforço, toda a soma de boa vontade, toda dedicação se manifestaram impotentes de encontro a tão difícil escolha.<sup>16</sup>

Essas dificuldades apresentadas pelos editores em 1901 permaneceram ao longo de todo o século XX, fazendo com que em diferentes momentos cessassem a publicação do periódico ou que as novas edições passassem a representar lapsos de tempo maiores, acoplando textos de dois a três anos. Nesse sentido, busquei periodizar a revista respeitando a tendência proposta pelas principais análises acerca da Revista do IHGAL,<sup>17</sup> ou seja, resolvi estabelecer uma periodização da mesma em três fases e tendo como marcos as duas grandes interpelações que ocorreram entre 1888 e 1901; 1953 e 1968.

A primeira fase da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas corresponde ao período oitocentista, nos últimos decênios do Segundo Reinado. Nessa época, no Império do Brasil só existiam três institutos e neles eram escritos as principais versões da história pátria. No caso do instituto alagoano, D. Adelmo Machado atribui a fundação a um episódio que ocorreu dez anos antes, com a visita do Imperador D. Pedro II por Maceió em dezembro de 1859. Nas palavras do bispo, “uma das recomendações constantes de D. Pedro II nas visitas às capitais

<sup>16</sup> REVISTA DO INSTITUTO ARCHEOLÓGICO E GEOGRAPHICO ALAGOANO. Editorial. *Revista do Instituto Archeológico e Geográfico Alagoano*. Vol. 3, nº 1, Maceió, 1901, p. 1.

<sup>17</sup> ROCHA, José Maria Tenório. Em torno de uma bibliografia analítica de Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. In: REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE ALAGOAS. *Bibliografia analítica (1872-2009)*. 2ª Ed. Maceió: Imprensa Oficial, 2010.

das Províncias, era a de que, logo que fosse possível, se fundasse um Instituto Arqueológico e Geográfico.”<sup>18</sup>

Sendo recomendação imperial ou não, o instituto alagoano foi fundado oficialmente no Palácio Provincial no dia 2 de dezembro de 1869, data do natalício de D. Pedro II, o que já evidenciava sua afinidade com as questões do Estado imperial. É interessante perceber como a cultura política hegemônica estava presente nas ações da instituição. Os estatutos aprovados no dia 18 de fevereiro de 1870 evidenciam finalidades que estavam em plena sintonia com a construção de uma nacionalidade. Eram os fins da Casa das Alagoas:

- 1º Colligir, trasladar, verificar e publicar os documentos e tradições históricas da província;
- 2º Descrever os monumentos antigos e esforçar-se para conservá-los;
- 3º Examinar e assignar os vestígios existentes em lugares notáveis, promovendo a collocação de monumentos e inscrições que perpetuem a lembrança de factos ahí acontecidos;
- 4º Obter e conservar photographias e desenhos de monumentos que possam ter qualquer valor histórico;
- 5º Estudar a geographia da província, procurando accumular e classificando mesmo os dados fundamentaes de uma estatística;
- 6º Auxiliar pelos meios a seu alcance as publicações litterarias;
- 7º Procurar crear um museo de productos naturaes e artísticos afim de que se tornem conhecidos a riqueza e adiantamento da província.<sup>19</sup>

Percebe-se que uma das preocupações centrais da instituição na primeira fase é atinente à memória do Brasil e, especialmente, da Província de Alagoas. Das sete finalidades, quatro estavam associadas

<sup>18</sup> MACHADO, D. Adelmo. O nosso Instituto Histórico. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*. Vol. 30. Maceió, 1973, p. 11.

<sup>19</sup> REVISTA DO INSTITUTO ARCHEOLÓGICO E GEOGRAPHICO ALAGOANO. Fins. *Revista do Instituto Archeológico e Geográfico Alagoano*. Vol. 1, nº 1, Maceió, 1872, p. 1.

ao projeto de compleição de acervos com documentos e objetos que remetessem ao passado, enquanto os outros três eram atribuições voltadas para difusão do conhecimento acerca desse passado. A proposta do estatuto foi seguida pelos intelectuais que ficaram responsáveis pela Revista do Instituto,<sup>20</sup> criada em 1872. Prova disso é que os primeiros números publicados eram quase que exclusivamente constituídos por transcrições de documentos e descrição da geografia provincial.

Além dos inúmeros documentos transcritos, as laudas da revista apresentavam a preocupação em descortinar o passado alagoano, especificamente as origens da colonização nos seus três eixos irradiadores: Porto Calvo, Santa Maria Madalena da Lagoa Sul (Atual Marechal Deodoro) e Penedo.<sup>21</sup> Os artigos sobre história priorizaram o enfoque sobre essas cidades, isoladamente, com narrativas próximas ao modelo corográfico,<sup>22</sup> que vigorou em todo o país na época, destacando a origem, os monumentos e a presença holandesa nos idos do século XVII. Da mesma forma, destacaram-se os textos com descrições das igrejas mais antigas das Alagoas, entre as quais as matrizes de Maceió, Coqueiro Seco, Santa Luzia do Norte, Capela e o Convento franciscano Nossa Senhora dos Anjos em Penedo. Geralmente, foram textos que destacavam mais o período de construção e os párocos responsáveis pela edificação do que o estilo artístico, mas já evidenciavam uma preocupação em preservar os símbolos do passado.

Outra característica relevante sobre a produção de textos publicados na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas no oitocentos é a ausência de uma sofisticação teórica e cientificista, fato contraditório se levarmos em consideração a produção do IHGB e a escrita da História no século XIX. No período que ficou conhecido como “século

---

<sup>20</sup> Nessa primeira fase a Revista apresentava um modelo semelhante aos folhetins, com média de 30 laudas por número.

<sup>21</sup> BRANDÃO, Moreno. *História de Alagoas*. 3ª Ed. Arapiraca-AL: EDUAL, 2004.

<sup>22</sup> SANTOS, Vera Maria dos. *A geografia e seus livros didáticos sobre Sergipe: do século XIX ao século XX*. São Cristóvão, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação). NPGED, UFS, 2004.



da história”, “o discurso historiográfico ganha foros de cientificidade”,<sup>23</sup> mas a produção alagoana não inseriu um diálogo muito profícuo com os teóricos europeus. A atenção maior estava na descrição, na análise com cunho informativo, seguindo a tendência dos estudos pioneiros na província. Nesse sentido, o diálogo dos autores da revista ocorre com maior frequência com os intelectuais que inauguraram os estudos acerca de Alagoas, principalmente Thomaz Espíndola.<sup>24</sup>

Também desperta atenção o quantitativo de artigos que se debruçaram sobre a descrição dos rios que cortam a província, cumprindo com outra finalidade do estatuto de 1870. A civilização do açúcar tornou-se objeto dos estudos primeiramente pelos seus rios, evidenciando os benefícios para a economia, com a fundação de engenhos às margens de rios com a circulação de mercadorias. Em estudo clássico da historiografia alagoana, Manuel Diegues Júnior afirmou que “da história da gente alagoana, se pode generalizar, como do passado carioca, que é a história de uma gente quase anfíbia”.<sup>25</sup> Certamente essa foi uma prerrogativa destacada pelos intelectuais da Casa das Alagoas, que tornaram os temas de cunho geográficos o terceiro mais estudado.<sup>26</sup> Seguindo também pelo viés geográfico, ressaltaram os estudos acerca das descrições topográficas, legitimando e dando sequência ao legado criado por Antônio Moura na primeira metade do século XIX.<sup>27</sup>

<sup>23</sup> GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*. Nº 1. Rio de Janeiro, 1988, p. 5.

<sup>24</sup> ESPÍNDOLA, Thomaz Bomfim. *Geografia alagoana: descrição física, política e histórica da província das Alagoas*. 2ª Ed. Maceió: Catavento, 2001.

<sup>25</sup> DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *O Banguê das Alagoas: traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional*. 3ª Ed. Maceió: EDUFAL, 2006, p. 9.

<sup>26</sup> As temáticas mais estudadas na primeira fase foram, em ordem decrescente: história de Alagoas, 11 artigos; Corografia, 11; Geografia, 8; Genealogia, 7; Arte, 5; Linguística, 4 e Toponímia, 3.

<sup>27</sup> MOURA, Antônio Joaquim. *Opúsculo da descrição geográfica e topográfica, física, política e histórica do que unicamente respeita a província das Alagoas no Império do Brasil por um brasileiro*. 2ª Ed. Maceió: EDUFAL, 2001.

Todavia, nesse processo de escrita a respeito do passado alagoano no período imperial ainda houve uma temática que se destacou. Trata-se dos estudos de cunho biográfico, gênero de escrita que predominou nos dois períodos subsequentes da Revista do Instituto. Nessa primeira fase, os textos apresentaram diferentes tendências, predominando as genealogias das famílias tradicionais de Alagoas, como os Arroxelas, Marinho Falcão, Galvão Fonseca, Cristóvão Lins e Mendes. Muitos desses textos foram produzidos por pesquisadores da própria família, evidenciando a preocupação em se constituir uma leitura do passado da província atrelada aos interesses do tempo presente. Geralmente se tratavam de textos curtos, com média de duas laudas, apresentando dados básicos e sem problematização do contexto ou enunciação de fontes, reforçando a tese da inabilidade teórica. No entender de Osvaldo Maciel, na produção historiográfica alagoana do “período Imperial, há uma série de crônicas e narrativas com forte viés administrativo e informativo.”<sup>28</sup> Isso evidencia que a produção intelectual publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas estava em sintonia com os livros publicados pelos pioneiros da pesquisa histórica alagoana e distante dos ditames científicistas do IHGB e até mesmo da Faculdade de Direito de Recife.

Mas afinal, quais foram os principais intérpretes do passado alagoano no século XIX? A primeira fase da revista foi a que contou com a menor participação de articulistas. Ao todo, apenas 22 autores publicaram seus textos nos 18 números que foram impressos na época. Um número extremamente baixo e que revela uma considerada concentração de produção entre cinco autores que se destacaram com um grande quantitativo de artigos.

O primeiro deles é José Próspero Jeovah da Silva Caratá, que nos três primeiros números da revista apresentou textos sobre a cidade de Penedo, inaugurando os estudos acerca do povoamento alagoano.<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> MACIEL, Osvaldo. O lugar do curso de História da UFAL no desenvolvimento recente da historiografia alagoana. In: GLEZER, Raquel. *Do passado para o futuro*: edição comemorativa dos 50 anos da ANPUH. São Paulo: Contexto, 2011, p. 73-74.

<sup>29</sup> CAROATÁ, José Próspero Jeovah da Silva. *Chronica do Penedo. Revista do Instituto Archeológico e Geográfico Alagoano*. Vol. 1, nº 1, Maceió, 1872, p. 2-7.

Apesar de sua importante contribuição intelectual, Carotá publicou apenas três artigos, pois mudou-se para o Rio de Janeiro onde veio a falecer no dia 28 de abril de 1890. O autor que mais publicou nessa fase foi João Francisco Dias Cabral, com 19 artigos. Ele introduziu os estudos acerca de Santa Luzia do Norte, Maceió e principalmente, Santa Maria Madalena da Lagoa Sul, primeira capital alagoana.<sup>30</sup> Além disso, publicou textos que discutiram os achados arqueológicos da província, evidenciando a preocupação com o entendimento das origens da civilização brasileira. Outra temática que foi debatida pelo pesquisador foi a Guerra de Palmares, consideradas até hoje uma das temáticas centrais da historiografia local. Todavia, a obra que teve maior repercussão foi o texto publicado acerca da Revolução de 1817, constituindo-se como uma das primeiras tentativas de sistematizar a compreensão acerca da emancipação política de Alagoas.<sup>31</sup>

O segundo autor que mais publicou no século XIX foi Olympio de Arroxelas Galvão, com 14 textos. A maior parte de seus artigos versou sobre as efemérides alagoanas, já na segunda fase da revista, fato que fez com que alguns textos fossem reeditados nas fases subsequentes no intuito de celebrar a memória alagoana. Outra temática muito debatida pelo autor foi a História de Porto Calvo, cidade localizada ao norte do estado e que tem sua trajetória marcada pela forte presença dos invasores holandeses na primeira metade do século XVI.

Já Pedro Paulino da Fonseca, com seus nove artigos publicados nas duas primeiras fases da revista é o terceiro intelectual com maior concentração de textos. A sua temática central foi a genealogia de famílias da província, mas um de seus textos mais ilustrativos trata da religiosidade na primeira capital de Alagoas, podendo ser considerado um dos estu-

---

<sup>30</sup> Santa Maria Madalena da Lagoa Sul, posteriormente passaria a ser denominada de Cidade das Alagoas e no período republicano de Marechal Deodoro, foi capital da província de Alagoas entre 1817 e 1839, quando a sede administrativa provincial foi transferida para Maceió. Cf. ALTAVILA MELO, Jayme. *História da Civilização das Alagoas*. Maceió: EDUFAL, 1978, p. 67.

<sup>31</sup> CABRAL, João Francisco Dias. A Revolução de 1817. *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano*. Vol. 2, nº 17, Maceió, 1883, p. 215-232.

dos pioneiros sobre a temática em terras alagoanas. Mesmo possuindo bem menos textos publicados que os três anteriores, Manoel Claudino de Arroxela Jayme destacou-se com a produção quatro artigos, sendo metade deles a respeito da igreja Matriz Nossa Senhora dos Prazeres.

A segunda fase da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas é a mais longa e, certamente, a mais profícua na interpretação das “cousas do passado”. Trata-se de um reaparecimento marcado por uma reformulação de finalidades, de reconstrução de alianças, de explicitações de novas culturas políticas. A revista que nasceu monarquista se tornava portadora da boa-nova republicana, defendendo a construção de um conhecimento histórico local, da federação, no intuito de evidenciar as diferentes experiências da República brasileira.

Tratava-se do momento em que se consolidara a reinvenção da memória dos estados nas primeiras décadas da experiência republicana e de redefinição dos projetos políticos. Para Ângela de Castro Gomes, a modernização do Brasil estava inserido no discurso da cientificidade, pois, “o Brasil não seria moderno, não se tornaria um país civilizado, sem o auxílio da ciência, o novo e fundamental instrumento para qualquer tipo de progresso da humanidade.”<sup>32</sup> Foi nesse contexto maculado por expectativas de reinvenção do país e construção da nação, que a Revista do IHGAL retornou.

Nessa fase o Sodalício passou a congregiar novos intelectuais, muitos dos quais se consagraram como os principais intérpretes do passado alagoano, como João Craveiro Costa, Moreno Brandão e Anfilóbio Jayme de Altavila Melo. A presença desses e de outros pesquisadores provocou uma mudança significativa no perfil dos textos publicados na Revista do IHGAL, trazendo à tona novas temáticas acerca da experiência histórica regional. Isso pode ser observado na lista do Quadro I:

---

<sup>32</sup> GOMES, Ângela de Castro. *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012, p. 22.

**Quadro I<sup>33</sup>** - Áreas temáticas dos artigos publicados na Revista do IHGAL (1872-2012)

Área	1872-1888	1901-1953	1968-2012	Total
Biografia	3	137	262	402
História de Alagoas	11	43	78	132
Corografia	11	17	4	32
Geografia	8	11	9	28
IHGAL	1	6	20	27
Folclore	-	17	2	19
Arte/arquitetura	5	4	9	18
História Universal	1	14	2	17
Antropologia	-	5	12	17
Genealogia	7	2	7	16
História do Brasil	-	8	6	14
Lista de administradores públicos	3	8	3	14
Arqueologia	2	8	1	11
Efemérides	-	9	1	10
Linguística/Filologia	4	5	-	9
Educação	-	1	5	6
Botânica	-	-	5	5
Toponímia	3	-	1	4
Teologia/Filosofia	-	3	1	4
Teoria da História	-	1	3	4
Literatura	-	-	4	4
Relações Internacionais	-	2	1	3
Direito	1	1	1	3
Numismática	2	-	-	2
Paleontologia	-	1	-	1
Mineralogia	-	1	-	1
Psicologia	-	1	-	1

<sup>33</sup> Quadro elaborado pelo autor. Os dados foram coletados nas revistas que compõem ao cervo o IHGSE. Segui a classificação de artigos proposta pela CAPES, incluindo algumas especificidades da área de História no intuito de evidenciar os modelos de escrita a respeito do passado no IHGAL.

Os dados do Quadro I evidenciam que na segunda e terceira fase da Revista do IHGAL houve uma ampliação substancial das temáticas, repercutindo nas novas atribuições dos intelectuais do Instituto, que não seriam mais responsáveis apenas “por delinear a civilidade e salvar o pilar documental do Estado.”<sup>34</sup> O primeiro ponto que chama atenção é o aumento vertiginoso de trabalhos de cunho biográfico, evidenciando uma política de construção da memória da inteligência e autoridades políticas locais. Com a emergência da República, os membros do IHGAL passaram a produzir textos que expressavam a notabilidade dos homens da terra, muitos dos quais responsáveis pela condução dos destinos do Brasil. Um indício dessa assertiva são os inúmeros textos produzidos acerca dos marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. Apesar de haver um aumento gradativo das biografias na Revista do IHGAL, não é perceptível uma mudança epistemológica na produção dos mesmos, que quase sempre se caracterizavam por serem curtos (2 a 4 laudas), de caráter biobibliográfico e de recorte cronológico. As mudanças metodológicas da escrita biográfica que ocorreram ao longo do século XX não repercutiram na produção publicada no principal periódico alagoano. Na maior parte dos casos, as biografias estavam atreladas aos interesses de elogios recíprocos ou de afirmação das origens republicanas da população, tendo como mito de origem a figura de Calabar.

Outra temática que teve um aumento significativo na segunda fase da revista foi a História de Alagoas. A presença de historiadores que se tornariam clássicos na historiografia alagoana contribuiu decisivamente para esse acréscimo. Mais importante do que a quantidade de textos, foram os temas abordados, pois acabaram por delinear os enfoques centrais de estudo sobre o passado local, expressando a preocupação em legitimar a ideia de que Alagoas era possuidora de uma trajetória história própria, peculiar. Assim, emergem como temas a colonização

---

<sup>34</sup> CAETANO, Antônio Filipe Pereira. “Existe uma Alagoas Colonial?”: notas preliminares sobre os conceitos de uma Conquista Ultramarina. *Crítica Histórica*. Ano I, nº 1. Maceió, 2010, p. 13.

alagoana,<sup>35</sup> o quilombo de Palmares,<sup>36</sup> a emancipação política, a mudança da capital e a proclamação da República em Alagoas. Contudo, a predominância de estudos recai sobre a Revolução Pernambucana de 1817 e a emancipação política, com inúmeras revisões e polêmicas.

As corografias, que na primeira fase liderava como principal temática, perderam espaço ao longo da segunda fase, com um aumento total, mas com redução percentual. Os principais textos tratavam das cidades de Penedo e Maceió, sendo que esta era apresentada como elucidação das origens da vida urbana local.

Contudo, a principal novidade temática que apareceu nas laudas da Revista do IHGAL na sua segunda fase foram os textos sobre o folclore, assunto em que Alagoas possui alguns dos mais importantes pensadores do Brasil. Ao todo, foram 17 artigos publicados sobre a cultura popular alagoana e quase todos produzidos por membros da conhecida “Escola Folclórica de Viçosa”.<sup>37</sup> Certamente esses textos foram os que tiveram melhor repercussão, pois apresentavam um modelo interpretativo próximo ao que era produzido na época, com forte preocupação em busca das origens e registros das práticas culturais populares. Desse modo, os segmentos populares se tornaram objeto de estudo no principal periódico alagoano.

No tocante à preocupação teórico-metodológica, é importante ressaltar que essa nova fase da historiografia do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, apesar de “incorporar linhas gerais mais amplas de entendimento dos fenômenos históricos”, não promoveu uma “distinção substancial em relação ao primeiro momento”.<sup>38</sup> Desse modo, os textos

<sup>35</sup> Ver em: LINDOSO, Dirceu. *Formação de Alagoas Boreal*. Maceió: Catavento, 2000.

<sup>36</sup> Sobre a historiografia de Palmares pode ser lida: FREITAS, Décio. *República de Palmares: pesquisa e comentários históricos do século XVII*. Maceió: EDUFAL, 2004.

<sup>37</sup> Trata-se do grupo de intelectuais da cidade de Viçosa que se tornaram conhecidos por seus estudos acerca do folclore. Entre seus membros destacaram-se: Théo Brandão, José Aloísio Vilela, José Pimentel e José Maria Melo.

<sup>38</sup> MACIEL, Osvaldo. O lugar do curso de História da UFAL no desenvolvimento recente da historiografia alagoana. In: GLEZER, Raquel. *Do passado para o futuro: edição comemorativa dos 50 anos da ANPUH*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 74.

produzidos nessa época permaneciam com um caráter “eminente informativo e apologético”.<sup>39</sup> A partir de tais considerações, posso afirmar que metodologicamente a produção intelectual não rompeu com os paradigmas oitocentistas, mas sim reforçou o seu caráter descritivo e laudatório. Para Francisco José Alves, “os institutos históricos e as academias estaduais de letras eram eruditos provincianos”, ou seja, eram espaços de manutenção do “ideal positivista da objetividade do fato histórico”.<sup>40</sup>

Em relação aos autores, a segunda fase apresentou novos nomes da pesquisa histórica alagoana.<sup>41</sup> Trato da pesquisa histórica pela evidente sobreposição desse campo em relação às demais, fato que levou a mudança de nome da instituição.<sup>42</sup> O autor que mais contribuiu com a Revista do IHGAL foi Abelardo Duarte, com o total de 38 artigos publicados, sendo 13 na segunda fase da revista. Entre 1940 e 1984 em praticamente todos os números da revista havia uma contribuição do historiador. Entre suas principais temáticas históricas estavam a restauração alagoana do jugo holandês e a emancipação política de Alagoas.

Tratando de uma ampla miscelânea temática, Orlando Araújo publicou 20 artigos, tratando principalmente da História do Brasil com forte teor patriótico, próprio da época. Também são de sua autoria as biografias de Floriano Peixoto e Ana Lins, evidenciando uma preocupação em demonstrar a trajetória de personagens diretamente ligados aos marcos da História de Alagoas e do Brasil republicano.

---

<sup>39</sup> MEDEIROS, Fernando Antônio Mesquita de. *O Homo Inimicus*: Igreja católica, ação social e imaginário anticomunista em Alagoas. Maceió: EDUFAL, 2007, p. 43.

<sup>40</sup> ALVES, Francisco José. *A Rede dos Conceitos*: uma releitura da historiografia de Felisbello Freire. São Cristóvão: EDUFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2010, p. 59.

<sup>41</sup> Os autores que mais publicaram na segunda fase da Revista do IHGAL foram: Abelardo Duarte, 38 textos (13 na segunda fase e 25 na terceira); Orlando Araújo, 20, Francisco Izidoro Costa, 16; Francisco de Paula Leite e Oiticica, 16; João Craveiro Costa, 13; Moreno Brandão, 12; Anfilóbio Jayme de Altavila Melo, 12; Manoel Diegues Júnior, 7 e Théo Brandão, 6.

<sup>42</sup> Mesmo somando o quantitativo de pesquisas sobre Geografia e Arqueologia ainda prevalece uma grande discrepância da pesquisa de cunho histórico (Biografia, História de Alagoas, Universal e do Brasil, Numismática e Genealogia). Essa realidade se aproxima das observações de Lília Schwarcz a respeito do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, quando a mesma afirma que a arqueologia seria “matéria que versava sobre as antiguidades”. SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças*, p. 119.



Essa fase da produção do pensamento histórico na Casa das Alagoas evidencia uma forte proximidade com o que era publicado fora da instituição, levando-se em consideração que os principais nomes da inteligência alagoana estavam inseridos no Sodalício e que os mesmos foram responsáveis por grande parte dos textos difundidos na revista. Essa realidade permaneceu inalterada ao longo de toda a segunda fase. Até mesmo a fundação da Faculdade de Filosofia de Alagoas em 1952 não contribuiu para alteração desse quadro, levando-se em conta que o seu corpo docente foi constituído pelos membros daquele que permanecia como o maior centro de pesquisa histórica do estado, o Instituto Histórico.

Essa relação de proximidade do IHGAL com outras instituições científicas se consolidou ao longo da terceira fase da revista. A intelectualidade da Casa das Alagoas, muitos dos quais próximos a setores da Igreja Católica e da elite açucareira, passou a ocupar lugar de destaque na formação dos primeiros cursos de ciências humanas no estado. Para Ana Luíza Araújo Porto:

A ligação umbilical ao Instituto Histórico também é um indício forte do quanto a marca do curso era tratar com um saber que se devia buscar somente nos livros e se apresentava como algo fechado e pronto e que não carecia de reelaboração e, muito menos, de questionamento, o que vem a diferir profundamente da historiografia contemporânea, que percebe o saber histórico como algo que necessita de constante reelaboração, à medida que novas fontes são descobertas e outros problemas vêm à tona em função dos mesmos objetos. Assim, o curso de História da FAFI – hoje no seio da Universidade Federal de Alagoas - é criado, na década de 1950, fortemente vinculado a um padrão de conhecimento assumido pela camada senhorial das Alagoas e que é oriundo do Instituto Histórico e Geográfico do Estado.<sup>43</sup>

<sup>43</sup> PORTO, Ana Luíza Araújo. O curso de História na Universidade Federal de Alagoas: dos primórdios à sua Consolidação (1952-1979). *Crítica Histórica*. Ano 1, nº 1. Maceió, 2010, p. 73.

Mesmo expressando uma preocupação maior com o porvir do que com o contexto histórico em que emergiram tais cursos de graduação,<sup>44</sup> a autora expressa que a escrita da história alagoana estava restrita aos membros do Sodalício. Aliás, ao que tudo indica, a formação do curso de graduação em História permaneceu distante do campo investigativo, atentando-se mais para a formação docente desarticulada totalmente da pesquisa histórica. Mesmo assim, foram nesses cursos que se formaria a nova geração de historiadores que passaria a substituir os antigos professores da Universidade Federal de Alagoas e, muitos dos quais, também ingressaram no Instituto Histórico e Geográfico.

A terceira fase da Revista do IHGAL evidencia uma concentração de textos com caráter comemorativo, como homenagens, necrológios, recepções e, especialmente, as celebrações em torno do centenário do IHGAL e de sua revista. Nesse sentido, houve um aumento significativo de publicações que tinham como foco o próprio Sodalício, com discussões breves a respeito da trajetória histórica, presidentes, revista, arquivo e museu. Essas efemérides fizeram com que o IHGAL se tornasse a terceira temática mais debatida na terceira fase da Revista, ficando a frente de áreas consolidadas na pesquisa alagoana, como a Geografia e principalmente o folclore, que praticamente desapareceu da revista com a morte da geração anterior de folcloristas. A redução da escrita a respeito do folclore ocorreu justamente no momento em que havia uma forte política cultural do governo militar em estimular os estudos da cultura popular, incluindo os famigerados encontros culturais. Isso evidencia que a Escola de Viçosa não deixou discípulos a altura dos mestres do folclore alagoano.

Também como resultante do novo perfil da revista, ocorreu um novo aumento de textos sobre as biografias, mais do que nunca de

---

<sup>44</sup> Ao longo de todo o artigo Ana Porto realiza um breve perfil comparativo sobre o pensar a história entre os intelectuais alagoanos dos anos 50 e 60 com a historiografia estadual do século XXI, levando a alguns momentos incorrer em anacronismos. A mesma deixou de evidenciar que o atraso na elaboração da pesquisa histórica alagoana na época se dava em relação ao que ocorria em outros estados, até mesmo quando se tratava de institutos históricos.

caráter genérico e apologético. As biografias correspondem a 50% dos artigos publicados na Revista do IHGAL e considerando apenas a terceira fase essa porcentagem chega a 59,9%. Além disso, também ficou visível o retorno dos estudos sobre genealogia, evidenciando a preocupação em enaltecer determinados personagens e famílias da sociedade local. A primeira vista, as alterações no perfil de escrita parecem configurar um momento de crise do periódico, possivelmente causado pelo afastamento dos pesquisadores do Instituto ou a concentração da pesquisa nas universidades do estado.

No entanto, ao observar a trajetória de alguns dos sócios do Instituto que publicaram na revista, essa hipótese não se mostra plausível, pois a Casa das Alagoas permaneceu aglutinando professores tanto da Universidade Federal de Alagoas,<sup>45</sup> como do Centro de Formação de Professores de Penedo<sup>46</sup> e do Centro de Estudos Superiores de Maceió (CESMAC).<sup>47</sup> Além disso, muitos desses professores possuíam formação em cursos de pós-graduação em importantes programas de pós-graduação, principalmente do de História da UFPE. Osvaldo Maciel tenta responder essa questão a nível estadual enfatizando o fato dos cursos superiores em História do estado de Alagoas apresentarem, grosso modo, “um acento pedagógico reprodutor e um compromisso político de viés conservador, aliado a uma baixa produtividade de pesquisas.”<sup>48</sup>

No caso do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas penso que essa argumentação não se faz satisfatória, ao menos parcialmente, pois o que se percebe é uma redução percentual de textos que versam sobre a história local. É preciso salientar que a partir dos anos 70 do século XX foi sintomático o processo de perda de legitimidade dos institutos históricos no Brasil, que a cada momento passavam a serem tidos como

---

<sup>45</sup> É o caso de Moacir Medeiros de Sant’Ana, Dirceu Lindoso, Douglas Apratto Tenório e Luiz Sávio de Almeida.

<sup>46</sup> Ernani Otacílio Meró.

<sup>47</sup> Isabel Loureiro de Albuquerque e Álvaro Queiroz.

<sup>48</sup> MACIEL, Osvaldo. O lugar do curso de História da UFAL no desenvolvimento recente da historiografia alagoana. In: GLEZER, Raquel. *Do passado para o futuro*: edição comemorativa dos 50 anos da ANPUH. São Paulo: Contexto, 2011, p. 73.

espaços do passado, conservadores e desprovidos da galgada crítica acadêmica. Os historiadores alagoanos são unânimes em atribuir essa característica ao IHGAL, esquecendo-se muitas vezes que o que foi escrito sobre a História de Alagoas até então teve como autores intelectuais ligados ao próprio instituto.

Acredito que a redução proporcional das investigações acerca da história local foi alavancada pela perda de espaço do próprio periódico como instrumento de circulação cultural, ou seja, o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas permanece aglutinando intelectuais como sócios, mas a sua revista não consegue atrair esses novos sócios para divulgarem os resultados de suas pesquisas. A repercussão desse episódio é o afastamento gradativo entre as pesquisas divulgadas na Revista do IHGAL, com perfil similar ao que era apresentado nas fases anteriores,<sup>49</sup> e a nova historiografia alagoana, emergente com a elucidação dos parâmetros da pesquisa histórica vigente.<sup>50</sup>

Apesar de tais dificuldades, a Revista do IHGAL permaneceu como um espaço importante na difusão da História de Alagoas. Prova disso foi o aumento geral de textos que versavam sobre essa temática, que prevaleceu como o segundo grande foco dos artigos. Nesses artigos, ganharam destaque instituições religiosas, hospitalares e educacionais, além da abolição do trabalho escravo e da participação de soldados alagoanos na Segunda Guerra Mundial. Ao que tudo indica, após uma consolidação da identidade alagoana, o foco passou da cultura política institucional para a contribuição de conterrâneos para a história pátria.

---

<sup>49</sup> Existem alguns trabalhos publicados na revista que elucidam novas tendências da historiografia contemporânea brasileira, entre as quais a história comparada. Cf. DANTAS, José Ibarê Costa. Alagoas e Sergipe: diferenças e semelhanças. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*. Vol. 46. Maceió, 2004, p. 133-144.

<sup>50</sup> Entre as novas pesquisas, além do já citado Fernando Medeiros, podem ser elencadas as seguintes obras: TENÓRIO, Douglas Apratto. *Capitalismo e ferrovia no Brasil: as ferrovias em Alagoas*. Maceió: Edufal, 1995. TENÓRIO, Douglas Apratto. *A tragédia do populismo: o impeachment de Muniz Falcão*. Maceió: Edufal, 1995. VERÇOSA, Élcio de Gusmão (org.). *Caminhos da Educação em Alagoas: da colônia aos tempos atuais*. Maceió: Catavento, 2001. VERÇOSA, Élcio de Gusmão. *Cultura e educação nas Alagoas: história, histórias*. Maceió: Edufal, 1997.

Dois novos campos de estudos se mostram emergentes na Revista do IHGAL. O primeiro é a Antropologia, com a contribuição de textos acerca das populações indígenas de Alagoas, especialmente o povo Xucuru. O segundo é a Educação com foco na área de estudo das instituições escolares, evidenciando uma consonância das publicações com a produção acadêmica. Todavia, a guinada dessas novas áreas de estudo no periódico ainda parece ser tímida e um tanto incerta.

Entre os autores, a terceira fase da Revista do IHGAL apresenta uma descentralização na produção,<sup>51</sup> o que evidencia que a revista tornou-se mais democrática. Prova disso é que a partir dos anos 70 começaram a aparecer, ainda de forma tímida, os primeiros textos produzidos por mulheres.<sup>52</sup> Luiz Medeiros Neto, autor que mais publicou, analisou uma variada gama de temas da história local, como os pilares da formação da sociedade alagoana, com a emancipação política em 1817 ou os textos a respeito de instituições como a Santa Casa de Misericórdia de Maceió e a Faculdade de Direito de Alagoas. José Lages Filho centrou-se na discussão sobre o próprio IHGAL e sua relação com a sociedade alagoana.

Por fim, temos o Moacir Medeiros de Sant'Ana e o penedense Ernani Otacílio Meró. O primeiro, professor do Departamento de História da UFAL, produziu importantes colaborações sobre a imprensa alagoana e sobre a trajetória de Calabar. O segundo, com importantes trabalhos acerca da História da Arte, destacou principalmente o patrimônio edificado de sua terra natal, considerada a terra do barroco das Alagoas.

Como se pode perceber, a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas tornou-se ao longo desses 140 anos o principal espaço de produção e difusão do conhecimento a respeito do passado local. Apesar das mudanças no suporte material e da ampliação do leque de discussões difundidas em suas laudas, é perceptível a existência de uma

---

<sup>51</sup> Os autores que mais publicaram nessa fase foram: Luiz Medeiros Neto, com 21 artigos; José Lages Filho, com 17; Medeiros de Sant'Ana, 17; Ernani Otacílio Meró, 12; Jayme Lustosa Altavila, 10; Guiomar Castro, Fernando Pontes e Hélio Vasconcelos com 9 textos.

<sup>52</sup> A maior parte das contribuições das intelectuais da Casa das Alagoas refere-se a textos biográficos, muitas vezes resultantes da saudação aos novos sócios.

continuidade do modelo teórico-metodológico de seus textos. Criado para registrar as “cousas do passado”, o periódico tornou-se espaço privilegiado da construção de uma memória oficial, de uma narrativa histórica condizente com os projetos políticos de cada época, indo da busca pelas origens da formação social de uma província no Império do Brasil, à procura pela legitimação de personalidades do meio intelectual e político. Além disso, a revista também contribuiu para a formação do ideal republicano, evidenciando a experiência do estado no seio do federalismo, criando heróis para cada momento histórico (como é o caso do controverso Calabar e dos marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto), reinventando mitos fundadores do estado e da nação.

Foi nas laudas da Revista do IHGAL que se forjaram identidades, que se delinearão os marcos da narrativa histórica estadual. Nas mesmas páginas, as faces de heróis se tornaram visíveis, com descrições de bustos e pinturas. Inventou-se um povo. Juntando antiguidades, registrando memórias dispersas, superando momentos de crises e altercando-se em culturas políticas conflitantes, a Revista do IHGAL revitalizou e se reinventou.